

MARY RENAULT

O JOVEM PERSA

TRADUÇÃO
Mário Avelar

COPYRIGHT © PERSIAN BOY © 1972 BY MARY RENAULT
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **MONIQUE D'ORÁZIO e ANGÉLICA BORBA**
Revisão **BÁRBARA PARENTE e THAÍS ENTRIEL**
Capa e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Renault, Mary

O jovem persa / Mary Renault ; tradução de Mário Avelar. -- São Paulo : Faro
Editorial, 2023.

416 p.

ISBN 978-65-5957-253-3

Título original: The persian boy

1. Ficção inglesa 2. Ficção histórica I. Título II. Avelar, Mário

22-6383

CDD 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

I. FICÇÃO INGLESA



FARO
EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

1

NÃO VÁ ALGUÉM PENSAR QUE SOU FILHO DO ACASO, VENDIDO POR UM camponês qualquer num ano de seca; devo lhes informar que a nossa genealogia é antiga, embora termine em mim. Meu pai era Artembares, filho de Araxis, da Pasárgada, a velha tribo real de Ciro. Três membros da nossa família lutaram por ele quando se colocou ao lado dos persas contra os medos. Defendemos a nossa terra ao longo de oito gerações, nas montanhas a oeste de Susa. Eu tinha dez anos, e era instruído nas práticas da guerra, quando me levaram.

Nossa praça-forte era tão antiga quanto a nossa família, protegida pelos rochedos, com a sua torre de vigia junto a um despeñadeiro. Era dali que meu pai costumava me mostrar o rio serpenteando através da planície verde em direção a Susa, a cidade dos lilases, e me apontava o palácio, brilhando no seu amplo terraço de terreno. Ali, ele me prometeu que eu seria apresentado à sociedade quando completasse dezesseis anos.

Tudo isso se passou nos tempos do rei Oco. Sobrevivemos ao seu reinado, embora ele fosse um terrível assassino. Foi devido à fidelidade ao seu jovem filho Arses, no combate contra o vizir Bagoas, que meu pai perdeu a vida.

Na minha idade, tudo teria me passado mais despercebido, se eu não tivesse o mesmo nome do vizir. Era uma tradição bastante comum na Pérsia; mas, como era filho único e tão amado, eu achava estranho ouvir pronunciá-lo com repugnância sempre que prestava atenção ao que se sussurrava à minha volta.

A corte e os senhores rurais que habitualmente víamos, quando muito, duas vezes por ano, não paravam agora de trilhar os caminhos da montanha. Nossa praça-forte ficava distante, constituindo por isso um bom ponto de encontro. Eu sentia um grande prazer ao observar esses nobres nos seus

cavalos elegantes. Associava-os a uma expectativa de acontecimentos, mas não de perigo, pois nenhum deles parecia mostrar receio de coisa alguma. Mais de uma vez fizeram sacrifícios ao altar do fogo. O mago vinha, então. Era um velho robusto que escalava os rochedos como um cabreiro, matando cobras e escorpiões. Gostava de ver as chamas brilhantes cintilando no punho das espadas, nos botões de ouro e nos elmos incrustados de joias. Nesse tempo, eu pensava que tudo continuaria a se desenrolar assim até que chegasse à idade de me reunir a eles.

Depois das orações, bebiam em conjunto o líquido sagrado e falavam sobre a honra.

Eu também tinha sido instruído de acordo com as noções da honra. Desde os meus cinco anos que fora retirado da companhia das mulheres. Comecei então a ser ensinado nas artes de montar e caçar e a abominar a Mentira. O fogo era a alma do Sábio Deus. A Mentira nefasta, a deslealdade.

O rei Oco morrera não havia muito. Se a doença o tivesse levado, poucos o chorariam, mas dizia-se que, pelo contrário: a causa da morte se devia aos medicamentos que tomava. Bagoas chegara bem alto na hierarquia do reino; durante muitos anos, fora o segundo, logo após o rei. O jovem Arses, porém, casou-se quando mal havia atingido a maioridade. Com um herdeiro já homem e netos, Oco começou então a entrar em conflito com Bagoas. Pouco depois, morreu.

— Então agora — comentou um dos convidados de meu pai — o trono cai por traição, embora quem vá se sentar nele seja o herdeiro legítimo. Pessoalmente, não culpo Arses. Nunca ouvi coisa alguma que pusesse em causa a honra do rapaz, mas sua juventude duplicará o poder de Bagoas. A partir de agora, bem podia ser ele o rei. Nunca um eunuco chegou tão alto.

— Sim, é raro — disse meu pai. — Mas às vezes essa sede pelo poder acaba por tomar conta deles. A razão disso é porque não verão filhos. — Sabendo-me perto de si, tomou-me nos braços. Alguém murmurou uma bênção.

O convidado mais ilustre, cujas terras ficavam perto de Persépolis, mas que nunca acompanhara a corte a Susa, disse:

— Todos estamos de acordo que Bagoas nunca reinará, mas esperemos para ver como Arses lidará com ele. Embora seja bastante jovem, acho que o vizir é capaz de seguir o seu caminho sem o seu anfitrião.

Não sei o que faria Arses se seus irmãos não tivessem sido envenenados. Foi então que ele começou a contar os amigos.

Os três príncipes eram de idades próximas. Todos eles eram, além disso, bastante chegados uns dos outros. Os reis mudam habitualmente

de comportamento em relação aos seus. Tal não se passou com Arses. O vizir não confiava nos seus conselheiros particulares. E assim, os dois mais jovens, com um pequeno intervalo entre si, ficaram com cólicas estomacais e morreram.

Pouco tempo depois, chegou um mensageiro a nossa casa. Sua missiva ostentava o selo real. Fui a primeira pessoa que meu pai encontrou quando o homem partiu.

— Meu filho — disse —, devo ausentar-me em breve. O rei mandou me chamar. Lembre-se sempre de que, mais cedo ou mais tarde, chega a hora de nos colocarmos ao lado da Luz contra a Mentira. — Pôs a sua mão no meu ombro. — É difícil para você este momento em que partilha o nome com um homem perverso, mas não será assim por muito tempo, se Deus quiser. E esse monstro não resistirá muito mais. Será você quem dará continuidade a esse nome. Você, e os filhos dos seus filhos.

Ergueu-me nos seus braços e me beijou.

Mandou-me reforçar a guarda do forte. De um dos lados havia um penhasco bastante profundo e, do lado do caminho da montanha, um grande portão; mas, mesmo assim, ele mandou elevar as muralhas e construir melhores pontos de apoio para os arqueiros.

No dia anterior à partida, surgiu um grupo de guerreiros. Traziam consigo uma mensagem que ostentava o selo real. Naquela altura, não sabíamos que vinha das mãos de um morto. Arses tomara o caminho dos irmãos; os seus infantes tinham sido mortos; a linha masculina de Oco desaparecera. Meu pai viu o selo e ordenou que abrissem os portões. Os homens entraram.

Após ter observado esses movimentos, afastei-me e fui me dedicar a uma brincadeira qualquer de garotos no pomar debaixo da torre. Então ouvi gritos. Aproximei-me para ver o que se passava. Um homem com uma cara horrível era arrastado pela porta por cinco ou seis guerreiros. O centro do seu rosto estava vermelho e vazio. Havia um fluxo de sangue que dali escorria perdendo-se na boca e na barba. Tinham-lhe arrancado o casaco. Os ombros estavam manchados de sangue e suas orelhas tinham desaparecido. Reconheci-o pelas botas; eram as de meu pai.

Ainda hoje penso por vezes em como o deixei ser arrastado para a morte sem pronunciar uma palavra, mudo com o horror. Creio que ele me compreendeu. Quando falou, foi objetivo. Enquanto o arrastavam, gritou-me com voz alta e áspera, terrivelmente transformada devido à ferida no lugar antes ocupado pelo nariz:

— Orxines nos traiu! Orxines, lembre-se do nome! Orxines!

Com a boca aberta e gritando, o rosto parecia ainda mais assustador do que antes. Eu nem percebia as palavras que ele pronunciava. Permaneci rígido como um poste, enquanto o punham de joelhos e lhe puxavam a cabeça para a frente pelos cabelos. Foram necessários cinco ou seis golpes com a espada para lhe quebrarem o pescoço.

Durante o espaço de tempo em que assisti ao que se passava, esqueci de prestar atenção à minha mãe. Ela deve ter subido logo à torre, pois no preciso momento em que meu pai morreu ela saltou, retirando-lhes assim o prazer de a matarem. Gritou ao cair, mas creio que foi porque notou tarde demais que eu estava logo abaixo. Colidiu no chão na vertical e o seu crânio abriu-se de imediato.

Espero que o espírito de meu pai tenha visto a sua morte instantânea. Bem podiam ter lhe tirado o nariz e as orelhas depois de morto. Quando o levassem à presença do vizir, ele seria incapaz de perceber a diferença.

Minhas irmãs tinham doze e treze anos. Havia ainda outra com nove, de uma segunda mulher de meu pai que já morrera. Ouvi-as gritar. Não sei se as mataram, quando terminaram, ou se as levaram vivas.

Por fim, o chefe dos homens me pôs no seu cavalo e me levou. Preso à sela estava o saco ensanguentado contendo a cabeça de meu pai. Tentei entender por que razão me haviam poupado. Tive a resposta naquela mesma noite.

Ele não ficou comigo por muito tempo, pois precisava de dinheiro. Na praça dos comerciantes em Susa, a cidade dos lilases, fui despojado das minhas vestes. Ali fiquei nu enquanto eles bebiam vinho e discutiam o meu preço. Os jovens gregos eram ensinados a não sentir vergonha diante da nudez; nós tínhamos mais pudor. Na minha ignorância, sentia que não se podia descer mais baixo.

Apenas um mês antes, minha mãe me repreendera por me olhar no espelho dela. Dissera-me que era demasiado novo para ser vaidoso. Eu apenas olhara meu rosto de relance. Meu novo proprietário tinha mais a dizer.

— Uma raça pura, distinta, na mais perfeita tradição persa. A graciosidade de um cabrito-montês. Veja a delicadeza da estrutura óssea, o perfil... Vire-se, rapaz... O cabelo brilhando como bronze, liso e fino como seda da China. Venha cá, rapaz, deixe-o sentir o que estou dizendo. Sobrancelhas desenhadas com um pincel delicado. Aqueles olhos grandes, sombreados de bistre. Ah, lagos onde mergulhar o amor! Aquelas mãos delicadas que não se vendem barato para varrer o chão. Não me diga que lhe mostraram uma coisa assim nesses últimos cinco anos ou dez.

A cada pausa, o negociante dizia que não comprava em prejuízo. Finalmente, fez uma última oferta. O soldado disse que aquilo era roubar uma pessoa honesta, mas o negociante argumentou:

— Perdemos um em cada cinco quando os castramos.

Castramos, pensei, enquanto a mão do medo fechava as portas do entendimento. Já tinha visto fazerem isso a um boi na minha casa. Fiquei calado e imóvel. Nada supliquei. Eu já aprendera a não ter esperanças de encontrar compaixão no mundo.

A casa do negociante era sólida como uma prisão. Os muros do jardim tinham mais de quatro metros de altura. Num dos lados havia um alpendre onde procediam à castração. Começaram por me purgar e por me fazer passar fome durante algum tempo; pois, segundo eles, assim seria menos perigoso. Levaram-me então a ver a mesa com as facas e a estrutura para apoiar as pernas à qual somos presos. O local estava manchado com um sangue escurecido e velho de outras operações. Também, as correias estavam sujas. Lancei-me, por fim, aos pés do negociante e agarrei-me a eles chorando, mas sua reação não foi diferente da de um homem do campo com o seu boi. Não me dirigiram palavra alguma, limitando-se a amarrar-me, ao mesmo tempo que falavam sobre assuntos relacionados com o mercado, até que começaram e eu perdi a consciência de tudo o mais exceto de minha dor e meus gritos.

Dizem que as mulheres esquecem as dores do parto. Bem, elas estão nas mãos da natureza, mas nenhuma mão levou consigo a minha. Eu era apenas um corpo de dor numa terra e num céu de trevas. Será necessário a morte para que eu a possa esquecer.

Uma velha escrava tratou das minhas feridas. Era habilidosa e asseada, pois os rapazes não passavam de mercadoria e, segundo uma vez me confidenciou, elas eram açoitadas quando perdiam algum. Minhas feridas inflamaram. Ela costumava me dizer que tinham feito um bom trabalho comigo. Mais tarde, dizia-me aos risinhos, o vencedor seria eu. Não entendia o que ela queria dizer com isso. Quanto aos seus risos, mal os discernia em meio às minhas dores.

Quando já estava curado, fui vendido num leilão. Mais uma vez, fui exibido nu, mas agora perante a multidão que me observava pasmada. Do cepo em que me encontrava conseguia distinguir o brilho intenso do palácio onde meu pai me prometera apresentar ao rei.

Fui comprado por um negociante de pedras preciosas, embora a escolha se tivesse devido à sua esposa, que me apontou através da cortina da liteira com a ponta de um dedo pintada de vermelho. O leiloeiro discutiu com

o negociante. Era óbvio que o preço oferecido lhe desagradava. A dor e o sofrimento tinham-me feito perder peso. E também haviam deixado marcas na minha expressão. Embora tivessem me enchido de comida, meu corpo a recusara como se desdenhasse viver. E foi assim que finalmente a discussão terminou. A esposa do joalheiro desejava um pajem bonito que a destacasse das concubinas e eu cumpria perfeitamente essa função. Além de mim, comprou ainda um macaco com pelo verde.

Afeiçoei-me ao macaco. Era minha tarefa alimentá-lo. Assim que me aproximava dele, lançava-se pelo ar na minha direção e agarrava-me o pescoço com as mãos pretas e fortes. Mas um dia ela fartou-se do macaco e ordenou que o vendessem.

Eu era ainda muito jovem e limitava-me a viver o dia a dia, mas quando ela vendeu o macaco, pensei no futuro. Nunca conheceria a liberdade; seria comprado e vendido como aquele macaco, e nunca seria um homem. À noite, deitado, eu pensava nisso, e, ao amanhecer, sem atingir a idade adulta, parecia que eu tinha envelhecido. A mulher achou que eu parecia pálido e deu-me algo para beber que me provocou um ardor no estômago. No entanto, nunca foi cruel para mim e só me batia quando eu quebrava algo que ela estimava.

Durante meu período na casa do mercador, o novo rei fora proclamado. A linha de Oco havia sido extinta. Sua linhagem real era apenas colateral, mas o povo parecia gostar dele. Dátis, meu senhor, não trazia novidades para o harém, pois, na sua opinião, a única preocupação das mulheres devia ser a de agradar aos homens, e a dos eunucos, a de tomar conta delas, mas o eunuco-chefe cumpria essa função, recolhendo do bazar as coscuvilhices que podia. Isso o fazia sentir-se importante. E por que não, afinal? Era tudo o que tinha.

Dario, o novo rei, era belo e corajoso. Quando Oco estivera em guerra com os cardusianos, e o seu gigante campeão desafiara os guerreiros do rei, só Dario avançara. Ele próprio tinha mais de um metro e oitenta. Enfrentara o homem e trespassara-o com um único dardo. Desde então o seu nome tornou-se famoso. Seguiram-se algumas inquirições e os magos consultaram os céus, mas ninguém no Conselho se atreveu a contrariar a escolha de Bagoas. O temor que por ele sentiam justificava essa atitude. No entanto, até aquele momento, não constava que o rei tivesse assassinado alguém. Além disso, diziam que seus atos eram corteses e brandos.

Ao ouvir isso, enquanto abanava o leque de pavão da minha senhora, lembrei-me da festa de aniversário de meu pai, sua última festa de aniversário. Os convidados trilhavam os caminhos na montanha, dirigindo-se ao portão principal acompanhados pelos criados que tomavam conta dos cavalos.

Meu pai aguardava no portão comigo a seu lado. Ali os saudava. Um desses homens destacava-se dos outros pela sua altura. De tal modo era guerreira a sua compleição que até a mim me parecia velho. Era um homem bonito, com os dentes em perfeito estado, e me jogava para o alto como se eu fosse um bebê, fazendo-me rir. Não se chamava Dario? Mas fosse um rei ou outro, pensei enquanto abanava o leque, que importância tinha isso para mim?

Logo essas notícias eram águas passadas, e a conversa voltava-se para o Ocidente. Ouvira meu pai falar desses bárbaros, selvagens de cabelo vermelho que se pintavam de azul. Viviam mais ao norte do que os gregos. Era uma tribo que dava pelo nome de macedônios. Havia começado por fazer algumas incursões. Em seguida tiveram a imprudência de declarar guerra, para a qual se preparavam os sátrapas da costa, mas as notícias que agora chegavam falavam da morte do seu rei, pouco tempo depois do assassinato de Arsés, durante um espetáculo público em que, segundo os costumes bárbaros, ele se apresentara sem guarda. Seu herdeiro era ainda jovem, por isso não havia razão para nos preocuparmos com eles.

Minha vida seguia, preenchida com os pequenos afazeres do dia a dia do harém. Tratava das camas, transportava bandejas, fazia sorvetes com neve da montanha e cidra, pintava as unhas da minha senhora e era mimado pelas moças. Dátis tinha apenas uma esposa, mas havia, além dela, três concubinas que eram muito simpáticas comigo, pois sabiam que o amo não gostava de rapazes. Entretanto, sempre que eu voltava a atenção para elas, a minha senhora puxava-me as orelhas.

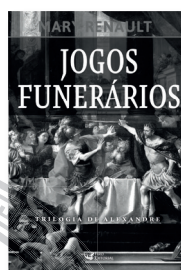
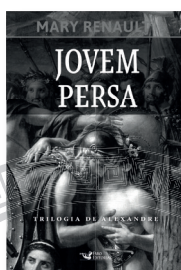
Logo tive autorização para pequenas saídas. Ia comprar hena, kajal e ervas aromáticas para os baús de roupa, sob a tutela do eunuco-chefe. Via então outros eunucos fazendo compras. Alguns eram parecidos com ele, suaves e gordos, com peitos como se fossem mulheres. Mal via um, começava a comer menos. E não me importava com o fato de estar crescendo. Outros eram enrugados e magros como velhos consumidos pelo tempo. Havia, no entanto, um pequeno número entre eles que se conservava bem constituído, com uma expressão de orgulho no rosto. Eu costumava me questionar sobre qual seria o seu segredo.

Estávamos no verão, as laranjeiras no pátio das mulheres perfumavam o ar, misturando-se com o aroma do suor das moças, também ele perfumado, enquanto elas se sentavam à borda do tanque com a ponta dos dedos dentro da água. Minha senhora me comprara uma pequena harpa e ordenara a uma das moças que me ensinasse. Estava cantando quando o eunuco-chefe entrou de rompante, agitado com as novidades que trazia. Fez, entretanto, uma

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

LEIA TAMBÉM



Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MARÇO DE 2023